

O senhor mandaria enterrar seu paciente com o coração batendo?

Would you command that one bury your patient with a still pulsating heart?

¿El señor ordenaría que le enterrasen un paciente de corazón todavía pulsante?

Daniel Romero Muñoz*

O conceito médico contemporâneo de morte está embasado na morte encefálica, ou seja, *se o encefalo morreu, a pessoa está morta!*

Este conceito de morte, entretanto, não é aceito de modo unânime, principalmente porque nossas convicções sobre a morte estão intimamente ligadas à religião e aos padrões culturais. As divergências entre o conceito médico e os advindos das diversas crenças humanas a respeito da morte se acentuam quando as pessoas são informadas que, para ser declarado morto, o ser humano não precisa estar em parada cardíaca; se há morte encefálica, *a pessoa está morta, mesmo que seu coração continue batendo!*

Não é raro acontecer esse problema em UTI. Lembro-me do caso de um rapaz que, com 18 anos de idade, teve um traumatismo crânio-encefálico, devido a um acidente com sua motocicleta. O pai, ao chegar ao hospital, foi informado que o filho estava em estado gravíssimo e, após algumas horas, recebeu a notícia que o filho havia falecido. Pediu para ficar junto dele por alguns minutos. Ao ver o monitor cardíaco, ainda ligado, perguntou ao médico:

— *Doutor, esse televisor não é para mostrar o batimento do coração? O coração dele continua batendo?*

Quando o médico confirmou que era um monitor cardíaco e que mostrava que o coração ainda estava batendo, o pai retrucou:

— *Como o senhor diz que meu filho está morto, se o coração dele continua batendo?*

Formularam-me uma questão semelhante quando fui convidado para participar da Semana Jurídica de uma faculdade de Direito, há alguns anos. Ao terminar minha palestra sobre o *conceito médico contemporâneo de morte*, um jurista, da *velha-guarda*, habituado a *fazer júri*, declarou que não aceitava a parada total e irreversível das funções encefálicas como diagnóstico de morte da pessoa, sendo que, para ele, a pessoa só estava morta quando o coração deixava de bater irreversivelmente. Expliquei-lhe que, em certas situações, uma pessoa podia continuar viva apesar de seu coração parar irreversivelmente e, ao contrário, o coração continuar batendo e a pessoa estar morta. Antes que eu terminasse a explicação, ele afirmou categoricamente: *Se o coração da pessoa parou irreversivelmente, a pessoa morreu. Este era o conceito jurídico de morte, antes de inventarem essa morte encefálica, e para mim continua sendo o mais válido!*

Expliquei-lhe que, com o advento dos transplantes cardíacos, aceitar a parada cardíaca irreversível como morte da pessoa poderia nos levar a conclusões absurdas. Por exemplo, no transplante cardíaco, o cirurgião retira o coração do doador (cadáver) e o implanta no receptor. Se aceitarmos que a parada irreversível do coração da pessoa corresponde a sua morte, a conclusão será completamente disparatada, porque o coração do doador continua a bater e o do receptor foi

colocado em formol e enviado ao laboratório de anatomia patológica, isto é, parou irreversivelmente. Portanto, quem morreu, o doador ou o receptor?

Decidido a demonstrar a falácia do conceito de morte encefálica, ele colocou-me a seguinte situação:

— Doutor, o senhor está cuidando de um paciente que lhe confiou sua saúde e a própria vida, certo de que o senhor irá cumprir o sagrado juramento que prestou ao se formar médico. Em determinado momento, entretanto, o senhor constata que ele está em morte encefálica, apesar do coração continuar batendo. Então, eu lhe pergunto: Doutor, o senhor mandaria enterrar essa pessoa com o coração batendo?

Pela agitação provocada na platéia, concluí que, com sua experiência de *júri*, sua intenção era colocar-me em xeque e havia conseguido. Se eu respondesse que sim, estaria desmoralizado, afinal, como um médico, que jurou dedicar-se a salvar vidas, mandaria enterrar seu paciente com o coração ainda batendo? Se dissesse que esperaria o coração parar de bater para mandar enterrá-lo (isto é, dar o atestado de óbito), estaria admitindo que a morte encefálica é um conceito falaz e não deve ser aceita como a morte da pessoa. A consequência desta segunda hipótese, no meio jurídico, poderia ser demolidora: todo transplante cardíaco já realizado teria sido homi-

* Médico. Livre Docente da Universidade de São Paulo. Departamento de Medicina Legal, Ética Médica, Medicina Social e do Trabalho.

cídio, uma vez que, se o coração do doador continuou a bater no peito do receptor, o doador não podia ter sido declarado morto, uma vez que não havia parada irreversível do seu coração.

Essa dificuldade de aceitar a morte de uma pessoa, cujo coração esteja batendo, decorre do desconhecimento do automatismo cardíaco, isto é, de que o coração gera seu próprio estímulo para o batimento. Por isso, antes de responder à pergunta, pedi vênua para explicar-lhe porque os médicos estão convencidos de que a manutenção do batimento cardíaco não corresponde à continuidade da vida.

— *Os estudantes de medicina se convencem disso, naturalmente, nas aulas práticas de farmacologia, geralmente no segundo ano da faculdade. Para tornar a explicação mais interessante, vou contar, de modo bem explícito, como, geralmente, se dá esse convencimento. Imagine o senhor que um grupo de 5 alunos tem que fazer uma experiência, para verificar qual o efeito de determinadas drogas sobre o coração. Eles escolhem uma rã bem grande, introduzem um estilete em sua coluna, logo atrás da cabeça, e fazem a dissecação, isto é, seccionam a medula espinhal, de modo que o animal fica totalmente anestesiado e sem movimen-*

tos voluntários da cabeça para baixo. Então, abrem o tórax, retiram o coração e o colocam em uma solução de Ringer lactato. O coração continua batendo devido ao seu automatismo. Imagine, então, que eles sorteiem, entre si, quem vai levar a rã na cantina para mandar fazer à milanesa. Imagine também que, depois de algum tempo, o sorteado traz o petisco e os cinco o degustam. Ao final, só sobraram os ossos, mas o coração do animal continua batendo dentro da solução de Ringer lactato. Será que a rã está viva? Afinal, seu coração continua batendo? Certamente, nenhum dos cinco alunos teria essa dúvida!

Por outro lado, para convencer o pai de que seu filho está morto na UTI, a argumentação do médico não é a melhor alternativa. Nossa experiência mostra que a conduta mais adequada é compreendê-lo e ajudá-lo nesse momento difícil, verificando, inclusive, se ele tem um médico de confiança. Se tiver, pode-se aconselhá-lo a trazê-lo para examinar o corpo do filho e confirmar o diagnóstico.

Em conclusão, os médicos, de modo geral, estão convencidos de que a adoção da morte encefálica e dos critérios elaborados para diagnosticar a morte da pessoa, é um avanço em nossos conceitos sobre o morrer humano, o qual é consentâneo

com os atuais conhecimentos da Medicina sobre a vida do maior enigma do universo: o homem! Ademais, a morte não é um problema teórico, abstrato. Ao contrário, está ocorrendo neste momento em milhares de hospitais no mundo e, exige, portanto, adoção de medidas objetivas e práticas para o seu diagnóstico. Por isso, adotou-se o conceito e os critérios que os atuais conhecimentos indicam como os mais adequados, uma vez que o progresso da Medicina deixou patente que os velhos paradigmas não serviam mais a esse propósito, como mostramos acima. O respeito à divergência de opiniões é princípio ético fundamental, porém, após a salutar discussão, as diretrizes e normas que direcionam condutas não podem deixar de serem adotadas.

Por outro lado, para o convencimento do pai de que seu filho está morto, na UTI, a argumentação do médico não nos parece ser a melhor alternativa. Na nossa experiência, a conduta que mais adequada é procurar compreendê-lo e ajudá-lo nesse momento difícil, verificando, inclusive, se ele tem um médico em quem confie. Se tiver, pode-se aconselhá-lo a trazê-lo para examinar o corpo do filho e confirmar o diagnóstico.

*Recebido em 12 de março de 2006
Aprovado em 31 de março de 2005*